



*Maria Luisa Guillaumon Emmel (\*)*

***A formação do terapeuta  
ocupacional: desafios para a  
próxima década (\*\*)***

(\*) Terapeuta ocupacional. Doutora em Psicologia Escolar. Docente da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

(\*\*) Tema abordado em mesa redonda, na Universidade de Sorocaba - UNISO, em 26 de Julho de 1997.



### **RESUMO:**

Este artigo faz uma análise do papel do Terapeuta Ocupacional, rastreando sua presença enquanto profissional, bem como as diversas abordagens oferecidas pelo respectivo curso de graduação. A partir daí sugere a abertura de novos campos de trabalho ainda pouco explorados pelo profissional da área.

### **ABSTRACT**

*This article analyzes the role of the Occupational Therapist, by tracking his presence as a professional as well as the several approaches offered by the Occupational Therapy Course of graduation. From this point it suggests the opening of new working fields little explored by the area professionals so far.*

### ***Terapia ocupacional: a profissão***

Quando alguém nos pergunta sobre nossa profissão e dizemos que somos terapeutas ocupacionais, freqüentemente ouvimos e vemos expressões que denotam o total desconhecimento em relação a ela. Quaisquer que sejam as reações, fica claro que muitas pessoas nunca ouviram falar de Terapia Ocupacional (T.O.). Outra situação comumente vivenciada pelos profissionais de T.O. é a busca de sinônimos para tentar responder à pergunta: "o que é Terapia Ocupacional?", quando esta ou qualquer outra profissão não pode ser definida em uma ou duas palavras. Se perguntarmos ao engenheiro o que é a Engenharia ou ao Psicólogo o que é a Psicologia, os mesmos problemas surgirão. O que ocorre é que, como *já existe um domínio social do que esses profissionais fazem* e onde atuam, tais questões nem são pensadas.

A Terapia Ocupacional, no entanto, é uma profissão relativamente nova (no Brasil ela surgiu na década de 50 e só no início da década de 70 passou a ser considerada de nível universitário, com poucas escolas e pouquíssimas vagas). Comparativamente a muitas outras profissões, a Terapia Ocupacional tem poucos profissionais; é uma das razões pelas quais é, ainda, pouco conhecida.

No Brasil, existem 17 escolas de formação em T.O. e a distribuição pelo território nacional é a seguinte:

***Tabela 1***

#### **DISTRIBUIÇÃO DOS CURSOS DE TERAPIA OCUPACIONAL PELO TERRITÓRIO NACIONAL**

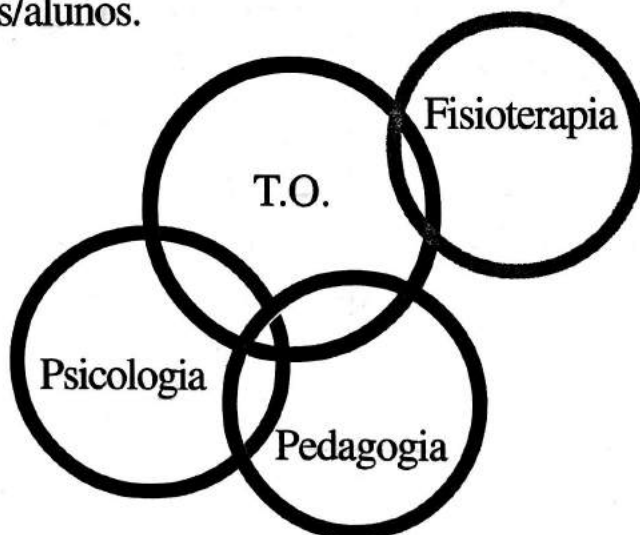
<b><i>R e g i ã o</i></b>	<b><i>E s c o l a P ú b l i c a</i></b>	<b><i>E s c o l a P r i v a d a</i></b>	<b><i>T o t a l</i></b>	<b><i>P o r c e n t .</i></b>
<b><i>N o r t e</i></b>	01	—	01	5,88
<b><i>N o r d e s t e</i></b>	01	02	03	17,64
<b><i>S u d e s t e</i></b>	03	06	09	52,94
<b><i>S u l</i></b>	—	03	03	17,64
<b><i>C e n t r o - O e s t e</i></b>	—	01	01	5,88
<b><i>T o t a i s</i></b>	05	12	17	100
<b><i>%</i></b>	29,41	70,58		

***Fonte: Emmel, M.L. & Lancman, S. 1997***

A Terapia Ocupacional é uma profissão que promove o desenvolvimento, tratamento e a reabilitação de indivíduos ou grupos que necessitem de cuidados físicos, sensoriais, emocionais e/ou sociais, de modo a ampliar seu desempenho e participação sociais. Seu principal instrumento de trabalho é a atividade orientada. Dependendo da clientela e da abordagem teórica adotada, o terapeuta ocupacional lança mão de atividades expressivas, lúdicas, artesanais, relacionadas à vida diária, a práticas psicopedagógicas e profissionalizantes que, entre outras, compõem sua prática profissional. O terapeuta ocupacional atua na avaliação, no planejamento e execução de programas terapêuticos específicos, na avaliação para alta do paciente, bem como na montagem e administração dos serviços de Terapia Ocupacional.

A convivência com profissionais de outras áreas, tanto nas instituições de saúde, educacionais e outras, quanto nos programas de pós-graduação, modificou uma antiga preocupação existente nos anos setenta: a de se delimitarem os espaços de atuação da Terapia Ocupacional. Até bem pouco tempo, assistíamos a uma verdadeira competição entre os profissionais que atuavam em áreas afins, pela delimitação da área de trabalho. Assim, a Terapia Ocupacional, que buscava sua identidade profissional e sua inserção em programas de pós-graduação e em áreas afins, trouxe a convivência com estes profissionais em um outro nível.

O trabalho com o ser humano, se quisermos que este seja atingido como um todo, é complexo e inter-relacionando o que *pressupõe* áreas de intersecção de conhecimentos, fundamentais. O OLHAR que o terapeuta ocupacional dá à atividade que está ministrando baseia-se na inter-relação existente entre atividade-paciente-terapeuta. Este se distingue do olhar do fisioterapeuta, do psicólogo ou do professor de educação física, quando cada um ministra atividades a seus pacientes/clientes/alunos.



Podemos ver na ilustração acima a atuação do terapeuta ocupacional, do psicólogo e do fisioterapeuta e suas áreas de intersecção. O que significam os pontos de intersecção? Que todos os profissionais precisam ter, em comum, o domínio de alguns conhecimentos; por exemplo: como se processa o desenvolvimento humano normal e com desvios. A partir daí cada profissional deverá buscar métodos e técnicas de atendimento que acabam direcionando diferentemente os objetivos a serem alcançados. Assim, cabe a cada profissão trabalhar essas áreas de sobreposição como *complementação* à atuação do outro profissional, para que o resultado final - o paciente, o cliente seja o melhor possível.

Através do domínio de técnicas e recursos terapêuticos, do uso planejado e orientado da atividade, do conhecimento dos fatores que levaram às dificuldades apresentadas pelo paciente/cliente e sua história e da relação estabelecida com o paciente, o terapeuta ocupacional interfere nos processos de desenvolvimento e de adaptação social dos indivíduos que procuram seu serviço.

No entanto, toda profissão carece de uma especificidade para ser tratada como tal. A amplitude de atuação torna a Terapia Ocupacional muito vulnerável. Na medida em que pode abarcar todas as atividades humanas, poderá também abarcar todo o homem, toda a vida? Esse é um ponto que merece reflexão e necessita ser investigado, para que a profissão reencontre seu eixo, reveja paradigmas e se realinhe.

### *Aspectos da formação e perspectivas futuras*

Os perfis dos cursos de T.O., no Brasil, seguem as especificações contidas no currículo mínimo e são estruturados de forma a contemplar uma parte de formação geral e fundamentos da Terapia Ocupacional; disciplinas pré-profissionalizantes; ciclo de disciplinas profissionalizantes; estágios supervisionados.

Com base nessa estrutura curricular, o profissional pode trabalhar, individualmente ou com uma equipe multiprofissional, desenvolvendo programas em clínicas, ambulatórios, hospitais, centros de reabilitação, centros de saúde, creches, asilos e escolas, tanto no setor público quanto no privado. O aumento do número de profissionais, na última década, e a criação de novos cursos abriram a possibilidade da docência e da pesquisa.

---

Todo o curso é permeado por disciplinas que tratam da análise da atividade e da análise das ações do paciente em relação a essa atividade.

Quanto aos campos de atuação, temos assistido a um grande avanço. De 10 anos para cá, muita coisa mudou e grande parte das mudanças que vêm ocorrendo foram geradas dentro dos cursos de formação. De uma visão puramente clínica, advinda dos resquícios da atuação desse profissional após a Segunda Grande Guerra, dentro de um modelo americano que priorizava o atendimento aos mutilados de guerra, a Terapia Ocupacional foi amadurecendo e viu que a formação deveria abranger outros aspectos, acompanhar as necessidades emergentes da sociedade e atuar em um sentido mais social. Foi aí que, além das tradicionais áreas (psiquiatria, deficiência física e deficiência mental), ela entrou na área social, atendendo, dentro dessa perspectiva, aos problemas sociais advindos da sociedade moderna (menores abandonados e agredidos, presidiários, portadores da AIDS, a família) e dando suporte à discussão da institucionalização dos deficientes e dos doentes mentais. Toda a revolução da psiquiatria italiana, as reformas na assistência à saúde da comunidade e outras transformações importantes na sociedade brasileira foram acompanhadas de perto pelos terapeutas ocupacionais, que têm interferido nos seus rumos. Dessa forma, o que antes era feito em nível curativo, hoje, é feito em nível preventivo. Aí se inserem os atendimentos dentro de estimulação precoce, por exemplo, que cuida do paciente, antes mesmo que falhas graves venham a se instalar.

O avanço da tecnologia trouxe, também, novas doenças e o profissional deve estar atento ao que sua formação lhe propõe responder. É o caso, por exemplo, da expansão da atuação para as lesões por esforço repetitivo (LER), que levaram o T.O. a adentrar mais fortemente no ambiente de trabalho do ser humano.

Até agora temos trabalhado com a doença e somos considerados profissionais da saúde. Para trabalhar, realmente, nessa área, é necessário que busquemos o caminho da preservação da saúde, atuar nela o mais amplamente possível, prevenindo a doença. Os locais de trabalho são um excelente espaço para isso, por se caracterizarem como lugares onde muitas doenças se instalam, isolando os indivíduos de seus ambientes de trabalho que, em grande parte, são também seus espaços sociais. Por outro lado, algumas empresas já vêm se dando conta de que, para se preservar o lucro, é preciso manter um bom ambiente de trabalho. O Japão e outros países mais adiantados já se convenceram disso e têm incentivado programas de relaxamento, de ginástica e de lazer dentro dos

---

horários de trabalho. Aí está uma fatia do mercado dos terapeutas ocupacionais brasileiros que tem sido muito pouco explorada. Os modelos de atendimento parecem não ter ainda alcançado tudo o que poderiam, a formação do terapeuta ocupacional vem sendo muito pouco aproveitada, restringindo-se sua atuação aos hospitais e clínicas de reabilitação e, mais recentemente, a escolas. A meu ver, o terapeuta ocupacional tem à sua disposição uma faixa razoável de mercado, que merece ser conquistada. E isso será possível com muito pouco.

Se retomarmos a reflexão sobre a estrutura curricular oferecida, constatamos que a atividade é um tema que permeia toda a formação do profissional. Podemos ver que, nos conteúdos programáticos do curso, ela ocupa espaços diferenciados e é analisada sob vários aspectos: do ponto de vista de sua estrutura, de sua função, de sua relação com o paciente, das possibilidades que ela proporciona ao sujeito de se relacionar com o ambiente que o cerca, da sua importância para o desenvolvimento de habilidades motoras, cognitivas, sociais e emocionais. Por outro lado, diferentes disciplinas cuidam de ensinar e de analisar diferentes tipos de atividades: desde as famosas atividades manuais e artesanais, passando pela análise dos brinquedos, das atividades de lazer, dos jogos intelectuais, das atividades expressivas, dinâmica de grupos e tantos outros. É na análise da atividade humana que está a exclusividade da formação do terapeuta. Nenhuma outra profissão tem esse conteúdo com o peso que a T.O. tem. Parte representativa da especificidade da formação do terapeuta ocupacional, que tanto buscamos, aí se encontra.

Além de servir de base para o atendimento a pacientes psiquiátricos, deficientes físicos, neurológicos e mentais, como vem sendo feito, toda essa bagagem deveria estar sendo utilizada, também, em favor de pessoas comuns, incluindo:

1. ampliação do treinamento recebido pelo aluno para o domínio de técnicas grupais empregadas em sua vida profissional, em programas de treinamento de pessoal (contribuições em seleção de pessoal, treinamento em serviço, para citar apenas alguns);
2. assessoramento a problemas ocasionados pelas condições de trabalho e orientação para melhoria dessas condições nas indústrias, trabalho do campo, etc (problemas posturais ocasionados por inexistência de adequação de equipamentos e ferramentas);

3. prevenção de problemas advindos das condições insalubres de trabalho, com o domínio da ergonomia, adaptando-se as condições ao homem e não o homem às condições.

Esses espaços de trabalho são pouco explorados pelo terapeuta ocupacional: não estão sendo ocupados por quem de competência ou por outros profissionais. Do que decorre existir um potencial de atuação que pode abrir uma outra infinidade de campos de trabalho ainda desconhecidos, destacando o trabalho do terapeuta ocupacional.

Em uma sociedade altamente industrializada e com o avanço desenfreado da tecnologia, novos espaços vêm pela frente, e é preciso estar preparado para atuar neles com eficiência.

As reflexões aqui expostas constituem parte de minhas atuais preocupações com a profissão, e suponho que novos cursos, que venham a ser abertos, não podem ignorá-las. A Terapia Ocupacional está em plena fase de amadurecimento e é, sem dúvida, uma profissão em ascensão. Aproveitando melhor os recursos já existentes e seu potencial de atuação, deverá ocupar um espaço de destaque e fornecer uma contribuição ímpar à sociedade do próximo século.

## ***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

1. EMMEL, M.L.G. & LANCMAN, S. **O processo de capacitação docente dos terapeutas ocupacionais: implicações no perfil profissional e nos rumos da profissão.** Relatório de Pesquisa. CNPq, 1997.
2. PINTO, J.M. & EMMEL, M.L.G. **Catálogo do Curso de Terapia Ocupacional,** São Paulo : UFScar., 1995.
3. TOYODA, C.Y.; PINTO, J.M. & EMMEL, M.L.G. **Evolução científica da Terapia Ocupacional no Brasil.** São Paulo : UFScar., 1986. Publ. Interna.